

ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DO OLHAR IDEOLÓGICO SOBRE A CULTURA CIGANA EM PRODUÇÕES BRASILEIRAS

LINGUISTIC-DISCURSIVE ANALYSIS OF THE IDEOLOGICAL LOOK ON GYPSY CULTURE IN BRAZILIAN PRODUCTIONS

83

Viviane Faria Lopes
Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB
viviane.lopes@ueg.br

Karina da Silva Ramos
Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás UEG
karinasilvaramos1995@hotmail.com

Resumo

Com a pretensão de verificar o olhar social brasileiro sobre a cultura cigana, apontando os preceitos e os preconceitos que o compõe, delimitamos entender o motivo dos ciganos serem marginalizados e praticamente invisíveis ao olhar popular. Analisando o comportamento ideológico da sociedade brasileira para com a cultura cigana e identificando as consequências de tal visão, buscou-se apontar, em obras escritas de gêneros distintos, como tal cultura tem sido retratada no Brasil desde a colonização até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: discurso, cigano, ideologia, sociedade.

Abstract

With the pretension to verify the Brazilian social look on the gypsy culture, pointing out the precepts and the prejudice that compose it, we delimit to understand the reason of the gypsies being marginalized and practically invisible before the society, analyzing the ideological behavior of the Brazilian society towards the gypsy culture and identifying the consequences of this vision, while pointing out, in works written in different genres, such as culture has been portrayed in Brazil since colonization to the present day.

KEYWORDS: discourse, gypsy, ideology, society.

Leem a sorte, mas não a têm

Uma pesquisa científica procura analisar situações diversas que trazem algum tipo de confronto com o comum, com o adequado, com aquilo que seria esperado em sua ocorrência e forma. Tendo um embasamento teórico em mãos, o cientista investe tempo, vitalidade e curiosidade para trazer à luz apontamentos e/ou soluções que pouco ou nunca houveram sido exploradas anteriormente, a fim de acrescentar conhecimento à sociedade e, também, beneficiar o progresso cultural de um povo.

Tendo isso em mente, resolvemos nos adentrar nos estudos das crenças marginalizadas que nossa nação ainda toma por incorretas ou indevidas – por razões diversas. Afinal, se um determinado seguimento de fé se faz soberano na atualidade, há uma razão histórica que o tenha levado a isso. Por assim dizer, e de igual modo, uma crença desvalorizada traz, em si, um motivo sócio-histórico que a tenha desmerecido aos olhos culturais de uma dada época, de um dado povo, e a coloca em um patamar inferior de consideração política e de importância comportamental.

O presente trabalho, então, visa a investigar como a sociedade brasileira tem enxergado a cultura e a fé dos ciganos desde o período da colonização até o momento presente e, para tanto, escolheu-se estudar produções culturais diversas que retratem esse povo, como músicas, telenovelas e obras literárias. Objetivamos, nesta pesquisa, apontar a marginalização dos ciganos no pensamento nacional, em que são praticamente invisíveis, além de procurar mostrar os reflexos disso por meio de sua representação artística, afinal, esse povo vem sendo marcado com caracterização difamatória, o que instiga a uma análise numa perspectiva crítica da linguagem, observando a ideologia existente na forma social utilizada para sustentar essa afirmação.

Os mistérios desse olhar...

A importância da Análise do Discurso realiza-se na conjuntura de que, por meio dela, pode-se ir além dos limites da linguagem e, assim, analisar com mais profundidade os enunciados e a construção ideológica presentes nas diversas

produções comunicativas. Além do mais, quando se trata de preceitos que resultam de cultura e de crença, é importante que o estudo traga uma consciência científica e avaliativa, a fim de que não haja uma interferência emotiva por parte do pesquisador, o qual, em princípio, se sustentar algum credo, certamente seja esse distinto do que busca investigar.

De acordo com os estudos de Orlandi (2005, p.15), discurso vem a ser “a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Os apontamentos de Fairclough (2001) complementam tal conceituação, afirmando que o discurso é um modo de ação, cuja manifestação permite às pessoas agirem sobre o mundo e sobre os outros indivíduos, construindo uma fluência de significados. Com isso, percebemos que o discurso se manifesta em qualquer unidade, seja de texto escrito, falado, imagético ou sonoro, já que é por meio de uma análise mais aprofundada que podemos ver os significados do que foi dito e embasada em qual ideologia a pessoa se expressou, afinal, a exteriorização expressiva está presente em todas as práticas e eventos sociais.

Para Foucault (1996, p. 2) “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo com o qual se luta, é o próprio poder de procuramos assenhorear-nos.”. Constata-se, então, que analisar o discurso vem a ser uma investigação de importância, já que, por meio de tal processo, podemos avaliar com mais profundidade todos os elementos presentes nos enunciados, bem como as ideologias marcadas nos traços linguísticos de construção de sentido. Além disso, é possível, por meio do uso persuasiva da linguagem, o domínio argumentativo sobre pessoas, a ponto de as convencer quanto à aceitação de ideologias e à transformação do comportamento identitário.

Todavia, Vieira (2002, p.149) coloca que o discurso é, também, uma prática social, que vem a contribuir verdadeiramente para a construção de uma consciência crítica. A autora ainda reitera que, “na análise do discurso crítica, os seus defensores afirmam que os seres humanos são julgados por sua socialização em determinados contextos sociais, cuja manifestação acontece pela linguagem”. Percebe-se, então, que a linguagem está atrelada às relações de poder, cuja sociedade, por meio do discurso, forma suas crenças e julga os acontecimentos sociais e culturais.

É de senso comum que o campo da fé seja algo delicado e com alta dificuldade de discussão, justamente por estar voltado a valores imateriais e de embasamento não realista. Todavia, por mais que esteja em geral concordância a expressão “fé não se discute”, entende-se que a Análise do Discurso seja capaz de analisar comportamentos ideológicos tão aprofundados socialmente e tão defendidos como fazendo parte da cultura de um povo, exatamente porque o faz numa perspectiva científica e totalmente voltada ao benefício social. Quando algo assim é avaliado de uma forma racional, há um ganho por parte dos estudos acadêmicos, afinal, só vem a comprovar como o conhecimento ampliado e as investigações adequadas acrescentam à clareza geral de uma cultura.

Diante dos apontamentos feitos, entende-se que não seja possível falar de discurso influenciado pela crença sem perscrutar as influências culturais que o induziram, que o definiram e que o sugeriram. Para tanto, faz-se essencial adentrarmos numa área de grande importância para a compreensão da formação de pensamento, crença e expressão do ser humano enquanto ser social, ou seja, será necessário falarmos sobre ideologia.

As cartas revelam o destino

A respeito da conceituação de ideologia, Eagleton afirma que:

ideologia é, por assim dizer, um texto tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essas linguagens a reunirem-se em alguma Grande Teoria Global, é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado. (2007, p.15)

Para o crítico literário acima apontado, é necessário avaliar as bases importantes que estruturaram o arcabouço ideológico, bem como desconsiderar as interferências culturais de pouca influência sustentativa. Apreendemos que as crenças particulares são permeadas de ideologia, afinal, não se adere a um pensamento que seja isento de influência externa, pois é por meio do convívio social, compartilhando

conhecimentos e valores, que o sujeito se constrói, formando suas concepções a respeito de assuntos que influenciarão sua formação identitária.

Os estudos de Thompson (1990, p.76) afirmam que “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”, o que concebe, portanto, que investigar as manifestações ideológicas leva ao conhecimento a respeito dos mecanismos sociais de sujeição e controle. O historiador ainda esclarece que para

analisar o caráter significativo das formas simbólicas faz-se em termos de quatro aspectos tipos - que chamarei de aspectos “intencional”, “convencional”, “estrutural” e “referencial”; há um quinto aspecto das formas simbólicas que chamarei de aspecto “contextual”, o qual indica que as formas simbólicas estão sempre inseridas em contextos e processos socialmente estruturados. (THOMPSON, 1990, p. 79)

De acordo com o autor, a análise dos discursos ideológicos deve levar em conta a junção de vários aspectos: a intenção do falante; os recursos utilizados para convencer; a estruturação do enunciado; quais referências foram usadas para a sentença; o contexto em que se construiu a mensagem. Assim, tendo em vista que o Brasil é um país com predominância ideológica cristã, apesar de se definir laico, o olhar social pauta-se em preconceitos erigidos contra as demais formas de crença, ainda que seja de conhecimento comum que um dos mandamentos dos preceitos cristãos seja o amor ao próximo¹.

A cultura e fé ciganas, por não seguirem os ensinamentos da crença predominante no país, são rechaçadas com veemência na maior parte das vezes. Portanto, nesta pesquisa, buscamos analisar a ideologia que referencia a discriminação sofrida por esse povo, desde sua chegada ao novo continente, bem como a mudança – ou não – da intolerância do brasileiro sobre eles, mesmo após a declaração da liberdade religiosa no país.

As linhas de suas mãos trazem um discurso

¹ Bíblia Sagrada, Evangelho de Mateus 22:39.

Nas produções estrangeiras, verificamos, por exemplo, que nas obras **La Gitanilla** (1613), do espanhol Miguel de Cervantes, **O corcunda de Notre Dame** (1831), do francês Victor Hugo, e **Drácula** (1897), do irlandês Bram Stoker, os ciganos são personagens de relevância. Cervantes, por exemplo, chega a os colocar em destaque, tendo em vista que na obra citada são eles os protagonistas. Todavia, como o objeto de pesquisa tem por referência a cultura brasileira, selecionamos trechos de cinco narrativas, uma peça teatral e duas canções, elencadas a seguir por lançamento cronológico:

- **O Cigano** (1845), peça teatral de Martins Pena.
- **A Cartomante** (1884), conto de Machado de Assis.
- **Dom Casmurro** (1889), romance de Machado de Assis.
- **Cannã** (1902), romance de Graça Aranha.
- **Esaú e Jacó** (1904), romance de Machado de Assis.
- **Lavoura Arcaica** (1975), romance de Raduan Nassar.
- **A Hora da Estrela** (1977), romance de Clarice Lispector.
- **Coração cigano** (2005), canção de Chico Roque e Paulo Sérgio Valle.
- **Cigano** (2008), canção de Luis Silva Chuteira e Alexandre Pires do Nascimento.

Os aspectos que colocaram os ciganos em posição de inferiorização e, portanto, de marginalização social, são diversos. Assim, a fim de interpretarmos a composição ideológica presente nas produções em questão, façamos a avaliação analítica tendo tais concepções verificadas em separado.

Verificando tais representações na cultura nacional, a obra **Lavoura Arcaica**, de Raduan Nassar, representa a cigana dançarina por meio de Ana, que é irmã do narrador André. Descrita como uma mulher que dança no meio das ruas, é possível notar a forma como sua descrição denota o olhar ideológico do narrador:

trazia a peste no corpo, ela varava então o círculo que dançava e logo eu podia adivinhar seus passos precisos de cigana se deslocando no meio da roda, desenvolvendo com destreza gestos curvos entre as frutas e as flores dos cestos, só tocando a terra na ponta dos pés descalços, os braços erguidos acima da cabeça serpenteando

lentamente ao trinado da flauta mais lento, mais ondulante, as mãos graciosas girando no alto, toda ela cheia de uma selvagem elegância, seus dedos canoros estalando como se fossem, estava ali a origem das castanholas, e em torno dela a roda girava cada vez mais veloz, mais delirante, as palmas de fora mais quentes e mais fortes, e mais intempestiva, e magnetizando a todos. (NASSAR, 2002, p.21)

Ao avaliar a percepção adjetival do narrador, que descreve os movimentos da moça que dançava diante de todos, verifica-se que as ciganas são representadas, culturalmente, por seus dotes artísticos, como a dança, o canto e a magia, causando aos cidadãos um grande fascínio e, ao mesmo tempo, o medo do desconhecido. Aliadas constantemente ao encantamento carnal, as ciganas ainda representariam, aos olhos temerosos do corpo social, a fonte de perigo, a encarnação da bruxaria, a aliança com o maligno, afinal, por conta da concepção de pecado em que está inserida a maior parte das pessoas, a sedução é um atributo posto em aliança ao lesivo.

De acordo com Ferrari (2002, p. 47), “uma série de registros revela que as atrações artísticas dos ciganos se inseriram em uma malha oficial de eventos, sendo reconhecidas pelas mais altas autoridades em distintas épocas.” A autora ainda aponta que à cigana atribuem-se os gêneros musicais populares, com uso das castanhetas e tambores – instrumentos locais. Ao adjetivar e conceituar a composição da cigana, Cervantes (1996, p. 56) traça uma concepção específica, apontando que a mulher “mais” cigana seria a que melhor expressa os costumes locais, com as danças e os cantos populares espanhóis, o que confirma que ela seria sempre aquela a representar sensualmente a cultura do seu povo. A dança e o canto ainda são apanágios que conseguiriam resgatar os ciganos de uma condenação completa e, apesar de singulares, tais atributos, quando acentuados nas obras, são capazes de atenuar ou, até mesmo, camuflar aqueles que os apontam como trapaceiros, larápios e salteadores. Tal representação faz-se nas obras literárias, nas quais as ciganas são descritas sempre nas ruas, dançando e cantando, rodeadas por pessoas e, principalmente, por homens deslumbrados e encantados por sua beleza e sensualidade.

Observemos descrições em excertos de narrativas machadianas, que trazem detalhamentos de práticas ciganas:

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança [...] A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuradas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso. (ASSIS, 1994a, p. 4-6)

Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, coisas futuras! Todos os oráculos têm o falar dobrado, mas entendem-se. Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mais nada; bastou saber que as coisas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume, e valia tanto ou mais que as ricas dádivas de Creso à Pítia. (ASSIS, 1994c, p. 4)

Os gestos luxuriosos das ciganas, por vezes, são substituídos na literatura pela descrição de práticas persuasivas, tendo em vista que seu propósito seja o de conseguir dinheiro dos aflitos, o que alcançarão por meio da áurea misteriosa que trazem em seu comportamento feiticeiro, bem como de suas atividades adivinhatórias, como a quiromancia², a cartomancia³ e a cristalomania⁴. Em **A cartomante** e **Esau e Jacó**, ambas narrativas de Machado de Assis, é possível enxergar, similarmente, o modo colocado pelo autor para conceituar essa mulher na sociedade carioca e seu papel desempenhado no uso das perturbações de sujeitos emocionalmente frágeis para tirar-lhes dinheiro.

Avaliemos um excerto do romance **A hora da estrela**, cuja narrativa apresenta a história de Macabéa, uma moça do interior que paga uma cigana para saber de seu futuro:

Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é de maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. [...]E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar

² Adivinhação do futuro pela interpretação de sinais baseados nas linhas e no formato da palma da mão.

³ Adivinhação do futuro por meio da interpretação de cartas de baralho ou de tarô.

⁴ Também chamada de hialoscopia, é a adivinhação do futuro por meio do uso de cristais, pedras preciosas, espelhos ou bola de cristal.

pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. (LISPECTOR, 1998, p. 79).

Em caracterização equivalente à das outras obras apontadas, a cigana é descrita como enganadora, ludibriando a protagonista a respeito de seu futuro e, por acreditar na embusteira, a jovem acaba por ter um trágico final. Tal relato ficcional confirma que, apesar do fascínio que os ciganos trazem, são julgados como astuciosos e mentirosos, pois não sabem a respeito do futuro dos que os buscam (FERRARI, 2002).

É possível avaliar, então, que além do fascínio e da enganação caracterizadores, as ciganas vêm marcadas pela ambição, pois iludem em troca de dinheiro. Por isso, sua sedução por meio da dança sensual, das roupas singulares e do olhar sedutor, na verdade, seriam recursos linguísticos de interação direta e, portanto, persuasivos (VIEIRA, 2015, p. 58-64). Observemos outro excerto de uma narrativa machadiana, que traz a caracterização da personagem de acordo com o aspecto da sedução:

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, 'olhos de cigana oblíqua e dissimulada.' Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. (ASSIS, 1994b, p. 31)

No romance **Dom Casmurro**, a personagem Capitu aparece marcada por sua inteligência astuta e sua sagacidade, o que, para os valores da época – século XIX –, seriam indevidos e totalmente reprováveis. Sendo assim, caracterizar seus olhos como os de uma cigana equivale a reprovar seu comportamento, determinando-o repreensível. A mulher cigana é constantemente vista como canal do poder diabólico: sedutora, manipula os homens fracos com seu corpo – cabelos, olhos, mãos. Ainda, é comparada regularmente às bruxas, já que leem a sorte pelas cartas e revelam o futuro das pessoas que as procura, cobrando por esse serviço; advinha, detentora de segredos, fascinante e feiticeira, enfim, a simbologia do mal cristão e da perdição (FERRARI, 2002).

Quanto às canções nacionais, as poucas composições trazem letras que corroboram com o que as produções literárias já registram. Vejamos alguns versos das seguintes canções, em sequências, **Coração Cigano e Cigano**:

*Hoje eu sou
Um cigano que foge da dor
Um oceano sem navegador
Hoje eu sou
Um fulano que a sorte marcou
Condenado a ser um sonhador
Hoje eu sou ninguém.*
(CHUTEIRA; NASCIMENTO, 2008)

*O meu coração cansou de ser cigano,
Hoje eu estou a fim é de um amor sincero.*
(ROQUE; VALE, 2005)

Ao avaliar os versos acima, é possível constatar que, na canção que traz os primeiros versos, os ciganos são representação da invisibilidade social, tendo em vista que registram o desaparecimento de influência marcadamente representativa, enquanto que no conjunto seguinte de versos, a exposição simbólica se mostra na caracterização do amor, como não sendo de um formato sincero, por ser cigano.

De acordo com Lucena (2016, p. 2) afirma que “a sociedade brasileira desconhece a cultura cigana e não consegue entender a maneira de viver desse povo, [...] isso acaba favorecendo uma relação de preconceito e o distanciamento das pessoas de um modo geral.”, o que vem a ser devidamente comprovado por essas composições - escolhidas dentre as escassas existentes. Torna-se possível compreender que esse povo continua a ser sublinhados pelo conceito ideológico firmado no país, ou seja, pela discriminação quanto à sua cultura e ao seu comportamento. Os registros musicais igualam-se às narrativas literárias quanto à representação, pois registram o olhar social que lhes é lançado em formato de desaprovação.

De acordo com Ferrari (2002), o povo cigano é conhecido em meio às atividades comerciais, pois faz uso de suas habilidades para obter renda.

O comércio é reconhecido pelos ocidentais como um ofício recorrente entre os ciganos. A compra e venda de cavalos, tachos de metais, ouro e, nos dias de hoje, de cobertores, carros, e o espetáculo de música e dança, a leitura da mão, representam a diversidade de profissões dos ciganos, mas também a variação de um mesmo tipo de relação com o Ocidente. (FERRARI, 2002, p. 73).

De acordo com a antropóloga, “não é propriamente o comércio que caracteriza o cigano, mas a maneira pela qual ele é realizado. Ao que tudo indica, na relação com o nacional, o cigano é visto como quem tira vantagem, e vence a “disputa”.” (FERRARI, 2002, p. 78). Esse julgamento é posto pelo brasileiro, que o classifica de acordo com seus próprios conceitos de negociação, não avaliando a base cultural do outro para, então, determiná-lo como correto ou impróprio (THOMPSON, 1990).

Na comédia **O Cigano**, de Martins Pena, apesar de o contexto ser o comércio de escravos, o foco está em como o cigano usa da malandragem para convencer os cidadãos. Estrangeiro, ele pratica o trabalho sujo de vender os cativos, eximindo os brancos locais dessa pérfida incubência.

O dia hoje foi proveitoso! Chamam-me Cigano, como se este nome fosse uma afronta... Deixá-los! Vivo eu como vivo, que os tolos dar-me-ão que comer e talvez que enriquecer... Um cordãozinho de ouro falso, vendido à noute a algum sertanejo ou simplório, enche-me às vezes a bolsa (mostra a bolsa). [...] E quanto contrabando pilho pelas praias! Bom negócio! Dê-me Deus vida, que fortuna faço eu. Guardemos estes farrapos.” (PENNA, 2005, p. 2).

De acordo com a peça teatral, o cigano é considerado o estrangeiro malandro, ou seja, o que veio de fora, diferentemente dos demais, com costumes distintos, voltados à ladroagem, o que deixa em registro lesivo na história (COUTINHO, 2013). Em consequência, percebe-se que a sociedade não os aceita, colocando-os sempre como pessoas impróprias e, apesar de se relacionarem socialmente, não serem aceitos como parte da comunidade onde se encontram temporariamente estabelecidos.

Os estudos antropólogos da autora afirmam que

O cigano pode ser observado praticando as mais distintas formas de comércio: troca, “rolo”, comércio formal, comércio ambulante, contrabando, tráfico... Na etnografia, esse é um aspecto explícito e divertido. Os ciganos falam o tempo todo das negociatas que fazem, os “rolos” em que levaram vantagem. Este universo de trocas aparece com grande diversidade nas representações literárias. (FERRARI, 2002, p 73)

Ao avaliar segundo seus próprios padrões, o sujeito sustenta que está representado em suas relações particulares, as quais trazem o contexto no qual se encontra como a manifestação aspectual dos construtores de sua composição linguístico-social. “É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.” (BAKHTIN, 1990, p. 41). Dessa forma, a classificação por meio da palavra vem a determinar a representação do sujeito avaliado, aliada a seus atos, ainda que oriunda de conceituação autoritária unilateral.

Avaliemos um excerto do romance **Canaã**, cuja trama faz-se em torno de dois imigrantes alemães, os quais buscam se adaptar à realidade brasileira:

O cigano partira também, arrastado pelo instinto vagabundo. Na longa travessia, o eterno caminhante da planície imaginava-se prisioneiro no vapor, que lhe parecia uma jaula movediça e endemoninhada. [...] Quando caía a sombra, o cigano deitava-se sobre a relva, à beira do rio, e pregava os olhos preguiçosos no poente, vendo morrer o sol. (ARANHA, 2013, p. 187).

Para Ferrari (2002), “O cigano, que desempenha bem o papel de estrangeiro por sua característica errante, é usado como um dispositivo da sociedade para formular o lugar mediador que é incapaz de aceitar como seu, pois sua moral o rejeita.” (2002, p. 81). Nesse romance, como igualmente ocorre com as demais produções, constatamos a imagem dos ciganos caracterizada como preguiçosos, ou seja, marginais sociais.

Portanto, esse constante olhar condenativo, que assim os classifica nas produções literárias, permeia as obras brasileiras e desvela o preconceito existente na ideologia social de modo generalizado, conforme indica, apesar dos movimentos

contra as discriminações diversas (MARCONDES, 1997). Vistos dessa mesma maneira, independentemente do formato cultural que o caracteriza, faz-se imperativo avaliar as formas que o olhar social, como um todo, os condena deliberadamente, deixando evidente que estão sempre errados, que são enganadores, malandrados, gananciosos, a levar uma vida fácil.

Para Pires Filho (2005), a mistura entre fascínio e medo pelo povo cigano faz-se presente no ideário social, composto por discursos culturais que se propagam sem questionamento (FAIRCLOUGH, 2001). Por meio de práticas linguísticas, que fazem perdurar uma educação moral, a sociedade, de uma maneira geral, lança mão do imaginário para fazer construir e confirmar ideias antigas, não abrindo espaço para questionamentos (MARCONDES, 1997). Assim, “histórias, também se apropriaram a seu modo do mundo desconhecido, e muitas vezes podem transformar o medo em desejo” de conhecer de perto o que carrega tanto mistério e encantamento (FERRARI, 2002, p. 106).

Continuamente vistos como enganadores e aqueles que têm como uso constante a mentira e o roubo, terminam por serem julgados sem que haja conhecimento adequado e aprofundado de sua cultura, de suas raízes. Acoimados, então, pelos valores sociais do país em que estão, permanecem proscritos por viverem de uma forma distinta. Questionamos se não haveria um juízo dissemelhante se, porventura, suas origens fossem apuradas e a razão de seu comportamento cultural avaliado sem ideologias embasadas em crenças vigentes (MARCONDES, 1997). Quando normalmente há uma luz lançada sobre um determinado objeto, a ponto de esmiuçar com interesse investigativo e com olhar científico seus porquês, têm-se conclusões mais atiladas e decentes, já que se procura deixar as ideologias diversas à margem da análise (COUTINHO, 2013). A história de qualquer povo é marcada por tentativas de sobrevivência, o que, muitas vezes, explica indevidos e inescrupulosos comportamentos e, por isso, seria adequado inquirir que os ciganos precisariam assim ser vistos, ou seja, como um povo nômade que tem sua imagem denegrada no decorrer das épocas. Eles, por serem diferentes e procurarem manter seu comportamento e valor, acabam por não serem aceitos - o que é uma constatação, não uma suposição (REVISTA ELAS POR ELAS, 2015).

Ao manifestar um comportamento cultural marcado pela liberdade de deslocamento, o povo cigano conseguiu sair pelo mundo afora, dialogar com culturas infindas e conhecê-las, tentando misturar-se sem se influenciar. No Brasil, todavia, seu comportamento e suas crenças não são aceitos como um estilo de vida adequado, o que os deixa continuamente à margem da sociedade, como se não fossem cidadãos, além de não permitir que sejam respeitados como estrangeiros.

Fazito (2006, p. 718) ressalta que

A história do nomadismo cigano parece mais uma história de terror, torturas e perseguições sofridas por esses grupos marginalizados, constantemente segregados e expulsos das terras por onde passam. Não surpreende um “sentimento inato” para a peregrinação e as andanças, a marca está no corpo. O problema talvez esteja em querer encontrar no nomadismo uma “condição essencial” para a construção da identidade cigana, legitimando essa crença por meio de um discurso científico (ciganologia) que possibilita a perpetuação de práticas discriminatórias e racistas.”

Percebemos que, ainda que não quisessem, eles têm de permanecer no nomadismo, porque a ideologia disseminada e vigente os classifica como desregrados e ladinos, não aceitando e, tão pouco, buscando compreender sua identidade e sua cultura.

A sorte está lançada!

A intenção de buscar obras diversas esteve atrelada a tentativa de apontar mais de um objeto de representação, procurando trazer à tona uma visão mais honesta de retratação, afinal, optar por um só gênero ou em somente uma época histórica incorreria, provavelmente, no erro de unidimensionar a pesquisa, o que poderia gerar dados e constatações indevidas, repletas de considerações limitadas e, até mesmo, não verdadeiras. Afinal, é importante entender que uma dada cultura influencia várias formas de comportamentos e de representações sociais, chegando e fazer parte da identidade registrada de um povo.

Assim, estudei o maior número de registros possível e selecionei os de maior representatividade, a fim de trazer à público o resultado de uma pesquisa que

não se restringiu a pequenos focos característicos, mas, na verdade, procurou trazer uma visão mais ampla e, portanto, mais verdadeira, ou seja, não topicalizada ou restrita.

Podemos, então, perceber que o motivo dos ciganos serem marginalizados e praticamente invisíveis perante a sociedade está vinculado à sua forma de agir, à sua cultura e crenças distintas, ao seu comportamento não influenciado pelas regras locais. Ao ser diferente dos demais, termina por ser o errado das histórias, os vilões das tramas, os enganadores e os servos do mal. Todavia, quando uma lente de análise mais apurada é colocada sobre sua cultura, pode-se constatar que esse povo busca, constantemente, ser aceito e respeitado pela comunidade onde se encontra, o que nos leva a avaliar se o ideal não viria a ser uma tentativa da sociedade vigente em receber o novo, o diferente, sem pré-julgamentos, pré-conceitos, pré-condenações (REVISTA ELAS POR ELAS, 20105).

Analisando o comportamento ideológico da sociedade brasileira para com a cultura cigana, identificamos que sempre ela foi mal representada em nossos registros históricos e culturais. Desde quando chegaram ao Brasil, já oriundos de países que não os aceitou, os ciganos foram sopesados bandidos e deixados à margem do convívio comum.

Perceber o outro em sua essência é, também, uma forma de analisar o discurso, é um modo de verificar, de forma científica, a voz que um comportamento milenar carrega. Concluir que há uma base preconceituosa firmada em crenças torna-se o começo de uma verificação mais acertadamente racional e histórica, ou seja, mais honesta. Foi o que esta pesquisa procurou fazer: começar. Ao sugerir que um erro existe, há o despertar de uma chance de mudança. Numa época em que tantos preconceitos têm caído por terra, quem sabe seja a hora de mais um entrar na lista e, com isso, um novo julgamento surgir sobre os que buscam um lugar de respeito.

Portanto, esta pesquisa procurou trazer à tona aqueles que estão à beira, direcionar um olhar mais honesto aos que pouco são vistos e tentar entender o presente dos que dizem ler o futuro. Que, enfim, as linhas das mãos tragam um destino transformador, tanto para os que as leem, quanto para os que permitam essa nova leitura.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Graça. *Cannã*. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

ASSIS, Machado de. *A Cartomante. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a. V. II.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b. V. I.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994c.

CERVANTES, Miguel de. *La Gitanilla*. Madrid: Editorial Edelsa Grupo Didascalía, S.A. Nivel II. 1996.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. *Perturbadores da ordem: Ciganos, mero caso de polícia*. In: VI encontro estadual de história-ANPUH/BA, 2013. Anais eletrônicos. p. 1-9.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: Uma introdução*. Tradução Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAZITO, Dimitri. *A identidade cigana e o efeito de “nomeação”*: deslocamento das representações numa teia de discursos mitológicos-científicos e práticas sócias. São Paulo. Revista de Antropologia. USP, V 49, nº 2, 2006

FERRARI, Florencia. *Um olhar oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano*. São Paulo. Dissertação de mestrado. 2002

FOUCAULT, Michel. *Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HUGO, Victor. *O Corcunda de Notre Dame*. Edição comentada e ilustrada. Tradução, apresentação e notas Jorge Bastos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUCENA, Thatiany Deodato de; SANTOS, Raíssa Castro Camilo dos; AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro. *Alma Cigana: A história de um povo, cultura e a vida em comunidade*. In: XXIII Prêmio Expocom. Recife, 2016.

Building the way

MARCONDES, C. F. *Ideologia*. 9. ed. São Paulo: Global, 1997.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Editora SCHWARC LTDA, 15º reimpressão. 3º ed. 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

PENA, Martins. *O cigano*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIRES FILHO, Nelson. *Ciganos: Um povo sem fronteiras*. São Paulo: Madras, 2005.

STOKER, Bram. *Dracúla*. This edition copyright. New York: Barnes & Noble, 2015.

REVISTA ELAS POR ELAS. Entre o mito e a realidade: Ciganas sonham com um futuro sem discriminação. Capa Saulo Esllen Martins. Fotos Laís Rodrigues. Abril de 2015. p.73-79.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1990.

VIEIRA, Josênia Antunes. *As abordagens críticas e não-críticas em análise do discurso*. In: SILVA, Denise Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes. (org.). *Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Plano, 2002. p. 143-164.

VIEIRA, Josênia Antunes; SILVESTRE, Carminda. *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-funcional, Análise de Discurso Crítica e Semiótica Social*. Brasília: Cepadic, 2015.